

Garimpos brasileiros ameaçam a Venezuela

EDUARDO SAN MARTIN
Especial para O GLOBO

LONDRES — A Venezuela espera assinar um acordo com o Brasil para a identificação por satélite de focos de garimpo ilegal na Amazônia. O Ministro do Exterior da Venezuela, Reinaldo Figueiredo, que se encontra em Londres, manifestou preocupação com o problema ecológico causado por garimpeiros brasileiros em seu país. Um relatório do Ministério do Meio Ambiente indica que até nove mil índios ianomami da Amazônia venezuelana poderão morrer devido à invasão de suas terras. Em 1989, 50 mil garimpeiros brasileiros foram expulsos após terem cruzado a fronteira ilegalmente.

No início desta semana, ianomamis venezuelanos procuraram o Governo do país, pedindo ajuda para seus parentes brasileiros e denunciando invasões de terras e casos de doenças contagiosas (inclusive Aids). Um relatório do Ministério do Meio Ambiente da Venezuela reconheceu que a corrida ao ouro no Norte e no Nordeste do Brasil já chegou às reservas indígenas do país. Um quinto dos rios da Amazônia venezuelana estariam contaminados por ácido nítrico e mercúrio.

O Ministro do Exterior da Venezuela comentou que os danos ecológicos causados pelos garimpeiros ainda podem ser reparados. A Venezuela não tem condições de defender suas fronteiras contra as invasões, porque "ali não existe um muro de

Berlim que separe os territórios na selva". O Ministro disse que o Brasil tem cooperado neste sentido e que é importante "não garimpeizar as relações entre os países".

Figueiredo espera que os presidentes Carlos Pérez e Fernando Collor assinem um acordo para cooperação militar e para monitoração por satélite da construção de pistas de pouso, no encontro do próximo dia 20, em zona de fronteira a ser escolhida. A Venezuela acaba de inaugurar uma base militar na região e passará a prender os garimpeiros expulsos que voltam a cruzar a fronteira.

Existem cerca de 35 mil índios ianomami na Bacia Amazônica: 12 mil no Brasil e 23 mil na Venezuela. Fiona Watson, da organização britânica Survival International — formada

para a defesa dos direitos indígenas a partir do trágico destino dos ianomami —, afirma que a situação do ianomami venezuelanos não é nada em comparação com a dos brasileiros.

Todas as quintas-feiras, a Survival International protesta em frente à Embaixada brasileira em Londres, exigindo o fim do garimpo na Amazônia e mais assistência médica para os ianomami. Fiona Watson explica que a Survival International promove esta campanha porque "no Brasil, falta vontade política para agir". Na Amazônia venezuelana, prossegue Watson, "os ianomami estão protegidos e certamente a intromissão não é na mesma escala da brasileira. Não sabemos, entretanto, como reagirão quando isto acontecer".

Dados surpreendem Governo brasileiro

BRASÍLIA — O Itamaraty não quis comentar, antes de ter conhecimento oficial, as declarações do Chanceler da Venezuela, Reinaldo Figueiredo, a respeito da invasão de garimpeiros brasileiros em seu país e as conseqüências sobre o meio ambiente e os índios venezuelanos. O Porta-voz do Itamaraty, José Vicente Pimentel, comentou apenas que a explosão de pistas de pouso clandestinas na região amazônica foi uma iniciativa brasileira, não tendo sido inspirada pela Venezuela.

Declarações do Chanceler Figueiredo, em junho, no Brasil, tiveram entretanto outro tom. Ele reconhe-

ceu que o problema existe, causa danos, é de difícil solução e desperta aspectos sensíveis do nacionalismo no seu país.

Os dados fornecidos pelos venezuelanos surpreenderam o Governo brasileiro. A Polícia Federal estima que existam 30 mil garimpeiros na região próxima à fronteira, enquanto a Venezuela sustenta que, apenas no ano passado, 50 mil invadiram seu território. Da mesma forma, foi considerada exagerada a afirmação de que um quinto de sua bacia hidrográfica está comprometida por poluentes utilizados nos garimpos.